

# UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

## Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

### Relatório Final - Pibic 2021/2022

**Título:** Sistema de Som: um movimento cultural afro-diaspórico, em São Paulo.

**Título do projeto do orientador:**

**Bolsista:** Gustavo Albuquerque Lima

**Orientadora:** Luciana Tatagiba

**Palavras chave:** Movimento cultural, Movimento político, Movimento Sound System, Reggae, Jamaica e São Paulo .

“Nós somos as pessoas que vão ao gueto e lavamos a música para as pessoas que estão no gueto, e nós também somos do gueto.” - Sir Coxsone

### Resumo

O presente projeto de iniciação científica visa apresentar a observação da diversidade de coletivos do Movimento *Sound System* de Reggae em São Paulo, que, desde de 2012 sofreu um “boom”, gerando diversos coletivos, tornando a cidade no maior centro de radiolas do Brasil. O *Sound System* foi um movimento que surgiu nas periferias da Ilha Jamaicana em meados dos anos de 1960. Sua ação era trazer de forma democrática e acessível a música e informação para a periferia, e assim foi responsável pela construção, produção e propagação da *Reggae music*. Desta forma, a partir do processo transatlântico, o qual proporcionou a chegada do movimento em terras nacionais, pretendo expor a autenticidade político-cultural (GILROY, 2012) que o movimento vem construindo em território nacional, em específico em terras paulistanas. Para isso, realizei a busca e revisão bibliográfica de leituras que remetessem à história do movimento e da sua ação político-cultural da Jamaica ao Brasil. Também recorri a recursos como etnografias de eventos e entrevistas semi-estruturadas com o coletivo paulistano U-DUB 420.

### Introdução

No movimento *Sound System*<sup>1</sup>, movimento cultural que observei dentro da cultura *Reggae music*, é montado um conjunto de caixas de som, as quais juntas formam uma parede sonora, um rádio móvel que amplifica, por onde passa, a música e a informação. Nos últimos 10 anos em São Paulo, tem sofrido grande expansão, com o surgimento de diversos coletivos

---

<sup>1</sup> Fazendo tradução direta, sistema de som, que no meio técnico seria uma organização de alto falantes e cabeamentos realizados por técnicos de som.

com suas respectivas radiolas<sup>2</sup> sonoras que espalham suas ideias e mensagens pela capital paulistana, fazendo-a se tornar o maior centro de coletivos de *Sound System* do Brasil. Essa diversidade de picapes sonoras atinge, com suas vibrações, a periferia e o centro da cidade, indivíduos curiosos, um público familiarizado e um público atuante do movimento. Desse modo, a multiplicidade de agentes participantes promovem articulações potentes para ações políticas, comunitárias, solidárias e culturais pelas periferias de São Paulo.

O *Sound System*, provindo das periferias jamaicanas, foi e é responsável pela propagação do *reggae* na Jamaica. E mesmo o *reggae* hoje sendo conhecido mundialmente e popularizado, a atuação do movimento se potencializa nos guetos. As grandes radiolas vieram com o propósito de trazer de forma mais acessível e democrática vozes, mensagens, informações, ideias e posicionamentos que cantores locais traziam para as populações periféricas nos discos de vinil, pois os discos e as vitrolas eram de alto valor e nem todos conseguiam ter acesso a esses aparatos dentro de casa. Portanto, em outros termos, “Como as pessoas não tinham como chegar à música, os Sound-Systems levaram a música às pessoas” (ALBUQUERQUE, 1997. P.47).

A atuação do movimento no Brasil tem início a partir de 1970 na ilha de São Luís do Maranhão pelo “processo transatlântico” (GILROY, 2012), que ocorreu por meio das frequências de rádios<sup>3</sup> dos navios e cruzeiros que atracavam na costa da ilha e também pelo mercado costeiro que recebia e vendia “a preços baixos e, muitas das vezes, de maneira informal, contrabandeada, obras musicais caribenhas e européias” (OLIVEIRA, 2008. p.4).

Além disso, havia o movimento de donos de lojas de discos que traziam materiais musicais do caribe, direto para o nordeste. Mas foi o movimento da discoteca fomentado nos grandes centros como São Paulo, na década de 1970 ao início dos anos 2000, que influenciou a circulação do mercado de discos por todo o Brasil. Não demorou muito para que as grandes radiolas chegassem aos grandes centros.

Tendo a influência e popularização de Bob Marley, o qual, juntamente com os *The Wailers*, colocou o *reggae* para o mundo escutar e, com a circulação de discos, ritmos e informações, as indústrias musicais entorno do atlântico impulsionaram caminhos que se cruzavam e um desses caminhos levou ao surgimento do primeiro coletivo de sistema de som aos moldes jamaicanos em São Paulo.

---

<sup>2</sup> Sistema de som, popularmente denominado como radiola no norte e nordeste do Brasil.

<sup>3</sup> A história oral e local narra que foi por meio das ondas do rádio que a Jamaica brasileira - obviamente ainda não conhecida desta forma - teve seus primeiros contatos com a cultura jamaicana caribenha. (PIMENTA, 2019)

No ano de 2001, surge o DubVersão, o primeiro coletivo de *Sound System* na cidade de São Paulo, que abriu o caminho para que uma série de outros coletivos surgissem posteriormente. Cada um desses grupos possuíam princípios próprios dentro da cultura, sendo alguns mais políticos, outros mais religiosos, para prazeres e lazeres da juventude, porém sendo todos com a intenção de conscientizar e entreter seu público de forma democrática e acessível. Em outras palavras, “É uma forma de levar música para as pessoas” segundo o cantor Monkey Jhayam (GRAVE NA CAIXA! 2015). Além de que, muitas das vezes esses sistemas eram montados de forma coletiva, pois ocorria de um vizinho ter uma vitrola, e outro os discos e um outro um alto falante. Quando essas picapes se instalavam nas ruas, bares ou *club's*, proporcionando um momento lazer ao povo da região, assim, uma forma de democratizar a música para as massas, criando um espaço de entretenimento, encontro da população com artistas locais e de outras regiões, e informações produzidas por meio da música.

Esse movimento se faz presente em outros países em torno do Atlântico, assim como o Brasil, de tal forma a vir ao encontro com a cultura nacional, sendo atravessado por ela, bem como pelas demais nacionalidades que o atravessam. Tendo em vista que:

“(…)à medida que a cultura de massa vai adquirindo novas bases tecnológicas e revelado maiores proporções à medida que expressões originais, populares ou locais da cultura negra tem sido identificado como autênticas e avaliadas positivamente por este motivo, enquanto manifestações subsequentes hemisféricas ou globais das mesma formas culturais têm sido desconsideradas como inautênticas e, por isto, carentes de valor cultural ou estético, precisamente por causa de sua distância de um ponto de origem prontamente identificável”. (GILROY, 2012, p.199-200).

O presente relatório final de iniciação científica visa apresentar a partir do processo transatlântico vivenciado pelo movimento da Jamaica até sua chegada na região metropolitana de São Paulo, a diversidade de coletivos que propagam a cultura desse movimento em terras nacionais e sua aproximação da origem político-cultural. Portanto, analiso se há um distanciamento entre o ponto de origem cultural desses coletivos, visto que é o movimento oriundo da ilha jamaicana, e a forma com que se adaptou em terras nacionais, respeitando o processo transatlântico. Cabe aqui mencionar que essa observação serviu para a construção de um objeto de pesquisa situado na interface entre a ciência política e a sociologia. Em que esse movimento cultural foi responsável por construir possibilitar espaço para que jovens, mulheres e homens de diversas periferias, obtivessem perspectiva de vida e espaço de fala, além de promover formação e renda a diversos indivíduos, tornando as ações desse movimento, um símbolo cultural na ilha caribenha.

## **História do movimento *Reggae music* - O desenvolvimento e ação da cultura do *Sound System***

Realizei um levantamento de obras que poderiam me ajudar a produzir uma recuperação histórica e subsidiar uma análise do que foi o *Reggae Music* na história jamaicana, mundial e nacional, pois não há como falar de movimento *Sound System*, sem falar de *Reggae*. Portanto, inicialmente, li a obra “O Eterno Verão do Reggae” de Carlos Albuquerque(1997) que foi de grande importância para compreender os passos que levaram o *Reggae* a se tornar um fenômeno musical. Me debrucei também sobre a obra de Carlos Benedito Rodrigues da Silva chamada "Da Terra das primaveras à Ilha do Amor - reggae, lazer e identidade cultural"(2016), para entender como se deu o envolvimento íntimo com esse estilo musical vindo da Jamaica com a cultura popular dos ludovicenses. Fiz uma análise de outras obras e documentários, que ao longo do texto citarei, como o artigo de André Botelho (2020), referente ao seu livro “*Modernismo como movimento cultural (O): Mário de Andrade, um aprendizado*”(2020) em que é trabalhado pelo autor a construção do movimento modernista brasileiro como movimento cultural político. Esse livro serviu de suporte para a assimilação de que o movimento *Sound System* está para além de eventos festivos, assim sendo um movimento cultural, o qual hoje “procura através do aparato estatal, empreender uma mudança na matriz cultural da sociedade” (BOTELHO, 2020. P.184).

O surgimento dos *Sound Systems*, se deu em meados dos anos 1940 na Jamaica, entretanto, foi a partir da década de 1960 que esses sistemas se tornaram populares. A princípio, o que essas grandes picapes sonoras espalharam por onde passaram, foram ritmos musicais como: O *Rhythm and Blues* (R&B) americano, o qual alcançava a ilha por meio das transmissoras de rádio do EUA; o *Ska*, que era uma evolução do mento<sup>4</sup> jamaicano misturado com o R&B, muito assemelhado ao *jazz*; e o *Rock-Steady*, o qual possibilitou o relato de muitos garotos das ruas e periferias de Kingston (ALBUQUERQUE, 1997).

O *Ska* foi um movimento musical que surgiu na virada da década de 1950 para 1960. Teve seu impulsionamento após a independência jamaicana, em que houve um movimento à procura de músicas de caráter nacional. No mesmo período, nas regiões rurais da ilha, iniciava-se um movimento religioso, chamado rastafarianismo. Os rastafaris pregavam um retorno à África com base em releituras livres da Bíblia, bem como a tolerância, irmandade, orgulho racial e luta contra a opressão. Boa parte dos músicos de *Ska* eram rasta, porém os grupos rasta eram vistos como preguiçosos, desleixados, irresponsáveis, baderneiros e

---

<sup>4</sup> Estilo de música tradicional jamaicana

maconheiros (ALBUQUERQUE, 1997). Entretanto, o rastafarismo foi um grande movimento responsável por dar força cultural e espiritual na Jamaica, por conta disso, inspiraram uma produção musical que mais tarde se tornaria uma das bases que constituíram o *Reggae*.

Em 1966, os *Sound Systems* desaceleraram a velocidade rítmica do *Ska* e uma nova música surgiu pelas ruas de Kingston. A guitarra se tornou o marcador, o baixo e as baterias foram essenciais para a mudança, tornando-se condutores da música. Foi aí então, que Alton Ellis lançou o “*Rock Steady*”. E as mensagens colocadas sobre essa nova onda sonora eram as angústias, o sofrimento e a militância em formas de rimas que relataram a violência policial, a realidade dos guetos e da população pobre e negra jamaicana.

Tal ritmo, surgiu a partir do crescimento industrial, o qual gerou aumento das populações periféricas decorrente de um aumento no desemprego. Esse estilo musical se deu aos “luxos” dos Rude Boys, jovens de 14 a 18 anos que viviam pelas ruas e periferias. Esse grupo crescia cada vez mais por consequência dos subempregos, e desemprego, restando a esses jovens a criminalidade como forma de tentar sair daquela vida miserável e infeliz. Assim, com o aumento e grande agitação desses jovens, músicos e bandas direcionam ritmos para que esses pudessem se acalmar, uma delas foi o sucesso dos *The Wailers* “*Simmer Down*” e outra foi de Baba Brooks.

Com a popularização dos S.S.<sup>5</sup>, veio a disputa para ver qual sistema era melhor, sendo que os requisitos eram qualidade do som e, principalmente, a exclusividade dos discos, ou seja, como popularmente é falado no Maranhão, aquele que tivesse o som mais pedrada<sup>6</sup>. E assim surgiram Sir Coxsoné Dodd e Duker Reid, os mais populares donos dos melhores sistemas de som da ilha jamaicana na década de 1960.

Durante essa transição da década de 1960 para 1970, o *Rock Steady* entrou em queda, e um novo ritmo surgia, o *Reggae*, que vinha sendo construído na década de sessenta. As alterações instrumentais vinham acontecendo, ao mesmo passo que produtores vinham investindo nas bandas e vozes que emergiam daquela movimentação. O baixo se tornou o fio condutor, e a bateria sua sustentação, a guitarra a marcadora do ritmo e o teclado acompanhava esses instrumentos. Com a disseminação da palavra e da fé rastafari em Jah, na independência do povo, tendo África como direcionamento, sendo o *Ska* o meio de transpor a inspiração, a qual influenciaria muito nomes e bandas, como Jimmy Cliff, Bob Marley e os *The Wailers* e outros aqui citados. E com a militância, posicionamento e necessidade de falar e agir vindo do choro dos *rude boys* acrescidas no *rock steady*, nasce o *Reggae*. Como coloca

---

<sup>5</sup> Sistema de Som ou *Sound System*.

<sup>6</sup> Pedra/Pedrada faz referência a uma música boa, que agita a galera.

Silva, "é no reggae, portanto, que se encontra toda a expressão social, cultural e política da Jamaica, através de seus compositores e cantores, que se tornaram profetas, críticos sociais e líderes espirituais, no país, transformando-o numa espécie de movimento messiânico"(1992. P.46).

Por fim, ao longo de toda essa trajetória da produção musical do *Reggae*, que se desenvolveu na ilha, podemos notar a ação fundamental dos *Sound Systems*, sendo ferramenta de disseminação da música, e forte ator para a produção de cantores e bandas, ou melhor, uma ferramenta de mudança social. Pois, o ambiente do sistema de som, acolheu e lapidou jovens músicos, jovens curiosos pelo vinil, pela a engenharia dos equipamentos, muitos desses garotos tiveram a chance de vivenciar, estudar e conhecer o mundo diferente da realidade das ruas e dos subempregos, isto quando, estes não se reuniam de forma coletiva para construir os seus próprios S.S. direcionando eles para o caminho da produção musical, ao invés do tráfico, do assalto, ou da vida como garoto de rua.

### **Difusão internacional**

A expansão da música jamaicana pode ser vista de algumas formas, principalmente, a partir do processo migratório pós Segunda Guerra, o movimento *windrush*, em que a Inglaterra havia aberto as portas do seu país para receber imigrantes, por conta das baixas ocorridas durante a guerra. Com isso aportaram no país diversos povos vindos do Caribe, dentre eles muitos Jamaicanos<sup>7</sup>.

Por conseguinte, o que foi sendo desenvolvido na ilha Jamaicana, chegava às terras britânicas. Desde meados dos anos 1950 e 1960, haviam bairros predominantemente negros e caribenhos, como Brixton. Sendo assim, em algumas casas e porões, grupos se encontravam para eventos chamados de "festas de blues", em que já havia os famosos sistemas de som (REDBULL). Então, temos um dos primeiros sistemas de som britânico o Sir Coxson Outernational, de Lloyd Coxson, existente desde 1969.

E a outra forma que levou a internacionalização do ritmo jamaicano, foi o grande sucesso que foi Bob Marley e os *The Wailers*, os quais circularam por todo o globo, disseminando a cultura *Reggae*, plantando várias sementes do que estava em suas letras. Como o pensamento rastafari, a militância vinda das condições sociais da ilha jamaicana, estilo de vida e a mensagem contra a babilônia<sup>8</sup>. Além da circulação física do grupo, a

---

<sup>7</sup> Disponível em

<https://diplomatie.org.br/os-imigrantes-da-geracao-windrush-e-o-surgimento-da-musica-negra-no-coracao-do-imperio-britanico/> acessado em 14/09/2022

<sup>8</sup> Buscando atingir o paraíso, os adeptos do rastafarismo rejeitam a sociedade capitalista moderna, a qual chamam de "Babilônia", que é vista como impura e corrupta, um reino em rebelião aos ditames de Jah, o

circulação dos seus discos foi de extrema importância para que o mundo pudesse olhar para a Jamaica e sua cultura que borbulhava em forma de ondas sonoras que viajavam pelas rádios e caixas som, estas que estavam compactas nos discos de vinil.

### **As personas do *Sound System* e seus últimos gêneros musicais**

O *Reggae* não foi a última onda de desenvolvimento musical da ilha Durante seu processo de construção, entre a virada do *Ska* para o *Rock Steady*, nos eventos de *Sound System*, surgiram alguns atores<sup>9</sup>. O primeiro deles foi o seletor, é aquele que seleciona a sequência de músicas que serão tocadas nos bailes *sound system*, sua localização se dá ao lado do toca discos. Depois vem o operador, pessoa responsável por controlar os equipamentos, sendo que este papel era frequentemente desempenhado pelo seletor, mas também era comum que os *S.S.* tivessem um operador dedicado que ajustaria o sistema de som do local, fazendo mixagens ao vivo e acompanhando o cantor.

Há também os *Boxman's*, muitas vezes desconhecidos, embora sejam cruciais, uma vez que carregam as caixas e ajudam em outros trabalhos, como no transporte, na montagem e na ligação da fiação. E, outro ator importante é o *Deejay* que surgiu com o intuito de dirigir os ouvintes, manter uma sintonia entre o sistema de som e a massa que escutava. Eles eram nada mais, nada menos do que animadores, bons falastrões, que eram contratados pelos operadores das *pick-ups*, para manter o público atento ao que seria tocado, sendo também um chamariz do sistema, de modo a manter a galera informada de tudo que acontecia ali. Informando as faixas que eram tocadas, os equipamentos utilizados, os futuros eventos, tudo que pudesse atrair o público para aquele sistema de som.

Desta forma, os *deejays* tornaram-se apresentadores das festas, levando os seletores, donos de um acervo de disco, ou os donos de sistemas de som, para trás das mesas de som. Assim alguns se tornaram produtores ou operadores de som, que também podem ser chamados de técnicos de som. Para eles naquele momento, o que interessava era a produção de novos sons, novas vozes para agitar as ruas. E então, nesse meio fervente das mixagens surge King Tubby, que teve a ideia de prolongar o tempo de vida de uma música, usando sua base, mas sem a voz, com o lado b de um compacto. E assim nasceu o *Dub*. O que em pouco tempo possibilitaria nos eventos de *Sound System* que os *deejays* fizessem cantorias e falas em cima do *riddim*<sup>10</sup>, de forma improvisada, ao estilo *deejay* de ser. E que, por fim, se tornou

---

criador. Para mais disponível em <<https://www.infoescola.com/cultura/rastafarianismo/>> acessado em 29/08/2022.

<sup>9</sup> Para a definição desses atores, utilizei textos produzidos pelo singjay, Guux, disponível em <<https://www.instagram.com/p/CXjVJ8LFUEE/>> acessado 29/08/2022.

<sup>10</sup> Riddim é a pronúncia em patoá jamaicano da palavra Inglesa "rhythm", mas na linguagem do reggae, dancehall, calipso, soca e reggaeton se refere ao acompanhamento instrumental de uma canção.

um atrativo para que o público pudesse dar a sua voz, a sua mensagem em cima daquele ritmo.

Como era um ambiente de brilho para os *deejays* e o público mais desenvolvido nas falas, era frequente que ao final de cada música tivesse um momento sob a faixa dub. E assim a mensagem era dada, e as principais temáticas dadas em cima dessas faixas eram: sobre o corpo feminino, relatos amorosos, sexo, política, violência policial e a realidade dura dos guetos. Esse movimento se tornou um atrativo para a população não só por ser um momento de diversão do gueto, mas era fundamental para a viabilizar informações, pois boa parte da população jamaicana sofre com analfabetismo, ou seja, a linguagem oral é a principal forma de comunicação. E os sistemas de som amplificam a mensagem.

Por fim, chegamos em um dos estilos mais quentes da atualidade quando se trata de produção musical jamaicana: o *Dancehall*. Nasceu dos *Sound System*, pelas mãos do produtor King Jammy, dono do sistema Jammy, em 1985. Tal fato se sucedeu após uma *SoundClash*<sup>11</sup> entre o sistema Black Scorpions e Jammy. Esse novo ritmo foi produzido a partir das novidades tecnológicas vindas dos Estados Unidos, e em conjunto do tecladista Tony Asher somada a ajuda de um teclado Casio, ademais de uma bateria eletrônica. Esse conjunto mais a voz de Wayne Smith cantando “Under me Sleng Teng”, nasce o *Dancehall*, sendo “este que acenava para a música jamaicana com várias possibilidades. Principal delas: democracia. Seria possível a qualquer um o acesso ao microfone” (ALBUQUERQUE, 1997. p.108).

Pois bem, esse ritmo levou o *Reggae* de novo em alta<sup>12</sup>, nesse estilo surgiram novos cantores, como Shabba Ranks<sup>13</sup> o qual viajou por boa parte do mundo levando o estilo quente da Jamaica. Shabba Ranks se tornou um cantor internacional, fazendo diversos shows pelos Estado Unidos, Inglaterra, Brasil dentre outros, além de ter realizado parcerias internacionais. E assim nos anos 1990, a Jamaica voltava ao topo da cena musical global. Além disso, surgiu também uma cena feminina chamada *Dancehall Queens*, o qual se tornou uma “expressão da

---

<<https://pt.wikipedia.org/wiki/Riddim#:~:text=Riddim%20%C3%A9%20pron%C3%BAncia%20em,parte%20vocal%20cantada%20pelo%20deejay.>> Acessado 24/08/2022.

<sup>11</sup> É uma batalha entre sistemas de som, em que as equipes se enfrentam mostrando o que elas tem de melhor, seja em seleção musical ou potência do sistema de som, sendo esse um show atrativo em que o público decide quem ganha.

<sup>12</sup> O reggae quando entra em ascensão ele trás em cena as suas variações, essas que o geraram como o Ska e o Rock Steady e o Dub, Dancehall que surgiram dele, assim como outros.

<sup>13</sup> Aos oito anos de idade, sua família muda-se para o gueto de Trenchtown em Kingston. Com doze anos, Shabba já admirava os DJs dos sistemas de som que rimavam em cima das músicas. Suas maiores influências foram artistas como Charlie Chaplin, General Echo, Brigadier Jerry, Yellowman, e principalmente Josey Wales. No início dos anos 80, entra para o sistema de som Roots Melody de Admiral Bailey, usando o nome de Co-Pilot. Com esse nome grava em 1985 seu primeiro single, "Heat Under Sufferer's Feet".  
<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Shabba\\_Ranks](https://pt.wikipedia.org/wiki/Shabba_Ranks)> 23/08/22.



reivindicação de emancipação das mulheres no seio da sociedade jamaicana" (JAMAICA, JAMAICA! 2018. P.49).

### **A popularização do *Reggae* no Brasil e a movimentação dos *Sound System***

O movimento de *Sound Systems* já era existente no Brasil, em específico no Maranhão, antes da popularização e internacionalização do movimento *Reggae music*. Porém os S.S. que são mais conhecidos por Radiolas, presentes nas periferias do Maranhão e até mesmo do Pará, não eram tão popularizadas até o final da década de setenta. Como colocado por Silva (2016) , as radiolas tocavam sons típicos da região, como o Forró, o Merengue, a Lambada e o Bolero, ritmos também caribenhos e o que era muito comum de se ouvir nessa região do Brasil. Só por volta de 1978/79 que o *Reggae* começou a gerar um maior interesse, e assim se fez presente nos som das radiolas, como a de Carne Sêca, Nestábulo e Serralheiro, que são os S.S. dos mais antigos da região (SILVA, 2016.).

No livro de Silva (2016), é possível perceber um processo de localização das informações de como o *Reggae* se fez presente no Maranhão ao longo do tempo. Nessa pesquisa realizada por ele, encontramos um sujeito fundamental, denominado de Riba Macedo, sendo o primeiro a colocar um disco de *Reggae* a tocar na região, Riba não tinha uma radiola para chamar de sua, mas tinha diversos discos em suas mãos, a princípio um seletor. Desse jeito, ele ia até as radiolas para colocar seus discos para tocar, isso ocorreu entre meados de 1974 a 1976.

Macedo relata que ao ir na loja de Carlos Santos, dono da loja “Só Sucessos”, esse o diz que seu gosto era por ritmos internacionais e lentos, tempo depois, Santos apresentou a Riba discos de Nolon Porter, Montego Bay, David and Ansil Colins, até a chegada de compactos do Jimmy Cliff, os quais começaram a chegar nas lojas junto da explosão que foi a "discoteque" (SILVA, 2016. P.68). Os discos de reggae, portanto, chegavam de diversas maneiras, alguns vinham trazidos por frequentadores e ou vendedores de discos que iam até a Jamaica, outros que iam a França e alguns que contrabandeavam da Guiana Francesa através do contrabando de café.

Como o reggae foi se dando no Maranhão sendo um ritmo lento, em relação ao forró, merengue e outros ritmos regionais, se tornou característico dançar juntinho, aquele som lento que ainda não era denominado de *Reggae* ao final de década de 1970, mas era chamado de Jimmy Cliff ou discoteca lenta. (SILVA, 2016. p. 65)

Ao longo da década de 1980 o ritmo jamaicano foi se popularizando entre os donos das grandes radiolas, dessa forma foi sendo presente nos principais club's de festas, como o “Clube Pop Som”, considerado pela massa regueira como o clube mais antigo de *Reggae* em

São Luís. Foi uma questão de tempo para que a população tomasse gosto pelo ritmo. Desta forma, até 1991 havia cerca de 80 radiolas e 100 clubes especializados no ritmo jamaicano (SILVA, 2016. p.77).

O *reggae* também se fez presente na Bahia, com Gilberto Gil lançando na década de setenta a versão brasileira de “Woman Don't Cry” por “Não Chore Mais” fazendo com o que o ritmo jamaicano fosse popularizado. Na segunda metade da década de 80, Edson Gomes surge com os discos *Reggae Resistência e Recôncavo*. Entretanto, o que fez o som jamaicano explodir foram os Blocos Afros, dentre eles Olodum, Ara Ketu e Muzenza (ALBUQUERQUE, 1997. p.149).

O *reggae* foi se tornando algo elementar e característico da cultura local da Bahia<sup>14</sup> e do Maranhão. Sendo assim, agora nos dirigimos para o sudeste, em específico para a cidade da grande São Paulo, a qual abrange uma infinidade de culturas e movimentos de massa que dão vida a essa enorme selva de pedra, ou como já diziam os rastas, essa grande Babilônia.

No ano de 2001, surge o primeiro coletivo de *Sound System* da cidade, o DubVersão Sistema de Som<sup>15</sup> É também o primeiro S.S. de São Paulo a seguir fielmente o formato original jamaicano, com paredes de som, equipamento próprio e trabalho contínuo de bailes abertos nos mais diversos pontos da cidade, priorizando as periferias, mas não só. A partir daí, São Paulo, hoje, 21 anos depois, abarca o maior número de coletivos do S.S. do país (PIMENTA, 2019. P.9). Com isso pretendo expor nas próximas páginas o que podemos chamar de “boom” que ocorreu nos anos 2010 em diante, proporcionando e gerando uma diversidade de coletivos aos moldes Jamaicano.

### **Movimento *Sound System* em São Paulo**

Para a construção desta seção, parto do livro “Mapa do *Sound System* Brasil”, este foi e é responsável por me engatilhar e desejar construir essa iniciação científica, por tratar de um movimento que me atravessou profundamente minha adolescência. Esse livro foi produzido por Daniela Pimenta e Natan Nascimento (2019), e teve o intuito de promover um mapeamento da cultura *Sound System* no Brasil. Além disso, utilizo alguns documentários, estes que vem sendo a via mais utilizada para o registro da cultura em ambiente nacional e internacional.

Em 2001, surge o coletivo Dubversão Sistema de som, os principais agentes, entre integrantes oficiais eram Yellow P e o Mau Bigodón, que operavam os controles e

---

<sup>14</sup> Para saber mais como se deu o enraizamento da cultura na Bahia ler ALBUQUERQUE 1997.

<sup>15</sup> Disponível em

<<https://mapasoundsystembrasil.com.br/mapa-sound-system-brasil-dubversao-sistema-de-som-spsp>>.

selecionavam as faixas com Ricardo Magrão, enquanto o microfone circulava principalmente entre o Black Alien, Marietta, e o Criss Scabello, do Bixiga 70, que se usava a alcunha Christopher The Luva, além do Miguel Salvatore na contenção (PIMENTA,2019).

Em 2003, o coletivo, numa ação desprentensiosa, junta um conjunto de caixas que cada integrante tinha e, com isso, a fim de experienciar registros que viam por fitas de VHS, montam de maneira inicial e sucateada uma parede de som no lugar mais propício: a rua. E assim, segundo o relato Rodrigo Brandão, é inaugurado o primeiro sistema de som aos moldes jamaicanos, feito por um grupo de pessoas que se dedicariam a tal movimento.

“Quando realizamos a primeira festa do Dubversão, em 2 de Dezembro de 2001, as festas com radiolas já existiam em São Paulo, porém elas eram em sua maioria frequentadas pela comunidade maranhense. Inclusive o local de destaque dessa movimentação, o extinto Green Express, dispunha de uma grande radiola. No entanto, até então não existia em SP uma festa dedicada ao Roots Reggae e ao Dub via dj/seletores.

Com a chegada do Susi in Dub em 2002, em que estávamos toda sexta- feira, esse cenário começou a mudar, Passamos a levar algumas caixas para a rua, de maneira bem desprentensiosa, e o Dubversão foi tomando forma. Com a ajuda do professor Wagnão construímos as primeiras stacks, adaptadas de um projeto antigo da JBL. Não tínhamos a referência real do que era um *Sound System*, a não ser por escassos filmes em VHS. Até que em meados de 2005/2006 começaram a surgir outras equipes, inspiradas direta ou indiretamente pelo Dubversão sistema de som”. - Fabio Murakami (Yellow P)(PIMENTA, 2019, P.13).

Quatro anos mais tarde, estariam surgindo, os primeiros coletivos frutos dessa semente, sendo estes, Africa Mãe do Leão e Quilombo HI-FI, seguidos de Reggaematic, JZ roots Phavella, Leggo Violence, Jurassic *Sound* e Reggae Arquivo. Estes construíram caixas de som e seguiram os trabalhos com equipamentos montados em diferentes bairros de São Paulo (PIMENTA,2019).

A partir de 2007/2008 a movimentação passa a ser cada vez mais intensa, e finalmente em meados da década de 10 desse começo de século XXI ocorre o “boom” que estruturou a cena que conhecemos agora. Atualmente, temos mais de 100 sistemas/coletivos fortemente atuantes no país - acreditamos que o número, na verdade, seja bem maior se somarmos a ele os novíssimos coletivos surgidos recentemente, que ainda estão dando os seus primeiros passos, conhecendo e se aprofundando nessa cultura e se adequando aos poucos à estética proposta. (PIMENTA,2019, P.9)

Nos últimos 12 anos, o movimento sofreu uma explosão de diversidade, surgindo diversos coletivos, esses com suas várias vertentes , até porque “Reggae não era só música. Era música, religião e militância” (ALBUQUERQUE, 1997, p.10). Noto que cada coletivo tem o seus próprios aparatos e discos, ou seja, tendo sua própria seleção musical. E observo que para cada sistema de som existe um público diferente, isto se dá a partir da seleção das músicas que eles apresentam, isto é, a região de atuação. Esses estilos diferentes que circulam

pelo movimento *Sound System* de Reggae, são: *Roots, Dub, Rub-a-dub, Dancehall, Steppa, Ragga, Ska e Rocksteady*. E que acabam por definir a vertente do coletivo, de certa forma.

“Os primeiros *Sound Systems* que apareceram também tinham a tendência de se aprofundar num estilo específico, em detrimento de outras vertentes. Então, tinha o óbvio e dominante Sound de roots & culture, mas rolava um dedicado ao rub-a-dub, um de rocksteady, o do pan-africanismo, outro voltado pro digital e um de rockers para citar alguns exemplos(...). Isso sempre foi fascinante na cultura *sound system*: independente de quantos anos passam, e quantos sounds existem hoje no planeta, cada um deles tem seu estilo próprio. Apenas não existem sounds systems iguais. Parecidos talvez, iguais jamais.” (PIMENTA, 2019, P. 99)

Porém, a diversidade dos coletivos, e esses que, por conseguinte, diversos públicos são atraídos. Para além da massa regueira, majoritariamente, tem como frequentadores a população da cultura de rua, como os skatistas, *punks*, a galera do *underground*, da cultura *hip-hop*, população periférica e aqueles que podemos chamar de população convencional, os quais acabam sendo atraídos pelas ondas sonoras e pelas grandes caixas. Assim, “Pessoas que frequentam *S.S.*, são de várias classes sociais e raciais, tem até uma parte da música que eu canto “preto, branco, pobre e rico também, tudo dançando lado a lado, zugo zugo zem”. - Monkey Jhayam”(GRAVE NA CAIXA!, 2015).

As sessões de *Sound System* para um público geral, e até mesmo para pessoas do movimento, seja os organizadores, seja público, são vistas como festas, e não nego isso. Mas, venho observando a um bom tempo, ao longo de minha vivência nessa cultura e de minha pesquisa, que não se trata somente de uma festa, um momento de simples diversão ao som de música de qualidade. Apesar de ter conhecido o movimento dessa forma, também fui atravessado por ela, a qual me apresentou um mundo de informações, condutas, cuidados e aprendizagens.

Conheci esse movimento na ocupação Casa Amarela Quilombo Afroguarany<sup>16</sup>, que fica localizada na Av. Consolação com a Visconde de Ouro Preto na Grande São Paulo. Praticamente, todas as quintas-feiras das 16:00 às 21:30 ocorriam as tais festinhas. E para participar era cobrado 1kg de alimento não perecível ou cinco reais, sendo esta uma forma de contribuir com o espaço que era cedido.

A partir desse evento comecei a ir com frequência e pude conhecer mais do mundo da cultura Jamaicana de sistema de som. E a partir dessas vivências entendi que como nota Yellow P, “além de entreter as pessoas, é também passar uma mensagem, ou anunciar o próximo baile, falar o nome da música, o nome do produtor, informar mesmo”(GRAVE NA CAIXA!, 2015). Assim, conheci produtores como Kas Dub, Singers como Mis Ivy, o

---

<sup>16</sup> Para mais, disponível em <<https://saopaulosecreto.com/casa-amarela-sao-paulo/>> Acessado em 27/07/2022.

Dançarino Ng Coquinho - um dos artistas referência da cena do Dancehall dentro da comunidade do Reggae/Dancehall no Brasil, também diretor e produtor da Academia Dancehall<sup>17</sup>.

E durante essa época, de 2017 a 2019, que fui conhecendo mais do movimento, meu repertório de coletivos e bailes frequentados aumentou. Isso possibilitou que conhecesse eventos como SP na Rua; Virada Cultural e o Dia Municipal do Reggae<sup>18</sup>, os quais me apresentaram coletivos como Reggae Arquivo; Treze Roots; África Mãe do Leão; High Public; Femini HI-FI; DubVersão e Zion Gate. Das idas a outras periferias, conheci o DJ Fya e seu Robô Sonoro, Leões de Judah, localizados na região leste de São Paulo. Conheci o coletivo 3 Estrelas localizado na região sul. Já na zona oeste, conheci a Oeste King's Dub, Da Rua Sistema de Som e Garimpo' s posse e também tive o privilégio de prestigiar a singer Dai Steady em um baile que ocorreu na favela do Sapé, no miolo, na região do Rio Pequeno.

Uma coisa que preciso aqui destacar, foi a exposição “Jamaica, Jamaica!”<sup>19</sup>. Além disso, noto aqui um ator da sociedade civil de relevância para a implementação da representatividade *reggae* por meio da secretaria de cultura, o Fórum do Reggae<sup>20</sup>, um grupo aberto que agrega músicos, produtores, jornalistas, radialistas e agentes culturais. Graças a essa organização hoje o Reggae é lei<sup>21</sup> na cidade de São Paulo.

Com isso, desde o início da vigência desta pesquisa, pretendia revisitar antigas e visitar novas sessões organizadas por coletivos, os quais eu já conhecia, mas também conhecer novos grupos. A ideia inicial era ir nas sessões do África Mãe do Leão<sup>22</sup>, Femini

---

<sup>17</sup> Projeto nascido em 2016, opera desde de então, na Casa Amarela. Uma plataforma artística e cultural que promove a ampliação dos saberes da cultura jamaicana Dancehall, e que, por meio da produção de atividades acessíveis ao público, permite a democratização, acesso e fortalecimento da cultura Dancehall no Brasil.

<sup>18</sup> Disponível em

<https://musicnonstop.uol.com.br/paredoes-de-caixas-de-som-celebram-dia-do-reggae-no-centrao-de-sp/>

Acessado 27/07/2022.

<sup>19</sup> Realizada no Sesc 24 de maio, no centro de São Paulo em 2018. Sem sombra de dúvidas essa exposição pode trazer muita informação sobre a história do *reggae*, bem como, a importância do *Sound System* para o *reggae* nas periferias jamaicanas e como tal gênero musical foi se fundindo no Brasil, como explanado anteriormente Disponível em

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/exposicao-jamaica-jamaica-no-sesc-24-de-maio-traca-panorama-da-musica-jamaicana> > Acessado em 27/07/2022. E o catálogo da exposição, disponível em

<https://issuu.com/sesc24demaio/docs/brochura-jamaica-issuu-compressed> > Acessado em 24/08/2022

<sup>20</sup> Para mais, disponível em <https://www.facebook.com/forumdoreggae> > Acessado em 27/07/2022.

<sup>21</sup> LEI Nº 17.805, DE 9 DE MAIO DE 2022, disponível em

<https://www.sinesp.org.br/179-saiu-no-doc/14517-lei-n-17-805-de-09-05-2022-cria-o-programa-municipal-de-fomento-a-linguagem-de-cultura-reggae-rastafari-e-da-outras-providencias> > acessado em 27/08/2022.

<sup>22</sup> Para mais, disponível em

<https://mapasoundsystembrasil.com.br/mapa-sound-system-brasil-africa-mae-leao-sp-sp/> > acessado em 27/08/2022.

HI-FI<sup>23</sup> e Dubversão<sup>24</sup>, entretanto, por desencontros de agenda não aconteceu de presenciar as sessões de dois dos três coletivos citados, sendo esse o Femini e o Dubversão. Mas, consegui estar presente em algumas sessões que ocorreram desde dezembro até julho, às quais foram fundamentais para que eu pudesse rever o porquê *sound system* não é apenas uma festa.

Presenciei a sessão do coletivo Ghetto Radioativo na favela da Brahma<sup>25</sup> na zona oeste, que tinha caráter beneficente para a comunidade. Eles pediam doações de roupa e alimentos não perecíveis para entrada, além disso vendiam bebidas sendo que parte do dinheiro adquirido iria para um dos colaboradores, o qual teve alguns móveis danificados após sua geladeira ter explodido. Conheci o evento de comemoração de 6 anos do coletivo Treme Terra S.S. ocorrido na quadra dentro da comunidade Da Zaki Narchi<sup>26</sup>, zona norte. Pude estar presente numa das sessões mais “pesadas” que foi a 21ª Edição do Terremoto<sup>27</sup>, evento organizado pelo África Mãe do Leão e Zion Gate, sendo esses um dos mais potentes sistemas de som de São Paulo, o qual trouxe para o Brasil Mark Iration<sup>28</sup>.

Retornei ao Centro e pude conhecer o coletivo Jah Queens que fazia uma sessão na Rua Dom José de Barros, coletivo esse formado por mulheres, e que em suas mensagens traziam posicionamentos políticos contra o governo atual e falavam sobre a representação feminina. No Vale do Anhangabaú, fui a um evento que prometia entregar 12 horas de reggae<sup>29</sup>, que contou com a amplificação dos coletivos: Easy Hit Sistema de Som, Dog Fish Sistema de Som e Skylight S.S. No caminho desse evento, presenciei uma sessão do 22 *Sound System* também na rua Dom José de Barros, que tem se tornado *point* de sessões de sistema de som.

### **A U-DUB 420 e o projeto Ampli-fyah.**

Além desses eventos, por meio do grupo *Sound System* São Paulo no *Facebook*, conheci o Projeto Ampli-Fyah do coletivo U-DUB420, o qual foi fundamental para que eu

---

<sup>23</sup> O trabalho da Feminine Hi-Fi, projeto fundado em 2016, foca na valorização do papel da mulher na reggae music e na promoção da linguagem do reggae como expressão contra a opressão vinda das questões de gênero. Para mais, disponível em <<https://mapasoundsystembrasil.com.br/seletor/feminine-hi-fi/>> acesso em 27/08/2022.

<sup>24</sup> Para mais, disponível em <<https://mapasoundsystembrasil.com.br/mapa-sound-system-brasil-dubversao-sistema-de-som-spsp/>> acessado em 27/08/2022.

<sup>25</sup> [https://www.facebook.com/events/325164606116435/?active\\_tab=discussion](https://www.facebook.com/events/325164606116435/?active_tab=discussion)

<sup>26</sup> <https://fb.me/e/2dI4ixIR5>

<sup>27</sup> <https://www.facebook.com/terremotosoundsystem/>

<sup>28</sup> Um dos responsáveis por trazer as raízes jamaicanas e criar a cena o dub UK, o qual no final dos 1980 ascendeu no Reino Unido. Disponível em

<<https://groovinmood.com.br/2021/10/26/ina-vanguard-style-documentario-conta-a-historia-de-iration-steppas/>> acesso 14/09/22.

<sup>29</sup> <https://fb.me/e/2ynObHnIp>

fizesse um mergulho na cultura, no que tange o entendimento sobre a organização de um coletivo de sistema som, desde seu conhecimento teórico sobre o movimento até compreensão e aprofundamento na parte prática e técnica da construção de um sistema de som. Tal projeto está sendo realizado em conjunto com a Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, Centro Cultural Olido e Programa Vai<sup>30</sup>.

Em sua apresentação ao Mapa do S.S. Brasil, eles se apresentam da seguinte forma:

“A UnderZs Dub 420! *Sound System*, conhecido como U-Dub 420! Foi fundado em 2011 e é o primeiro *Sound System* do Brasil a assumir o formato 100% digital, levando assim ao público atualidades do mundo focando nas vertentes que envolvem o reggae e a Bass Culture.

Fazendo bom uso de tecnologias, diferente dos tradicionais sounds brasileiros que produzem suas músicas em vinil, a U-Dub vem fazendo suas seleções de reggae digital, com produções musicais próprias que dão ênfase há novas texturas sonoras que o reggae atual vem adquirindo nos últimos anos. O coletivo vem produzindo seu próprio material e levando suas performances ao vivo em aparelhos eletrônicos, sintetizadores e controladores M.I.D.I, músicas produzidas em computadores e reproduzidas nos mesmos. Além das atividades de sonorização e seleção, o coletivo conta com o selo Black Sun Studio, dedicado à gravação, promoção e distribuição musical.

Cultura urbana, através do movimento *Sound System*, esse é o foco da U-Dub 420. E a maneira que escolhemos para apresentar isso ao público é através de eventos culturais e musicais em diversos pontos da cidade, propositalmente em locais de fácil acesso ao transporte público e em sua maioria, absolutamente gratuito.(MAPA SOUND SYSTEM BRASIL).



Figura 1, Integrantes da U-dub420: Cecilline, Monique, Zambi, Mariana e Salada, e seu sistema de som.

fonte:<https://www.instagram.com/p/Ccl64roLMnC/>

<sup>30</sup> O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13.540 e regulamentado pelo decreto 43.823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Disponível em <<https://programavai.blogspot.com/p/sobre-o-vai.html>> Acessado em 27/07/2022.

Assim, como segue a descrição do coletivo, o qual é “o primeiro *Sound System* do Brasil a assumir o formato 100% digital”, gerou vários incômodos, por conta de ser um movimento que valoriza o vinil, assim esse coletivo vem levantando discussão entre o sistema analógico e o digital. Outro fator interessante é que esse coletivo é majoritariamente feminino, e com integrantes LGBTQIA+, levantando bandeiras que uma boa parte dos coletivos não levanta, segundo uma integrante do coletivo em sua contribuição na entrevista que realizei.

E há o projeto Ampli-Fyah, existente desde de 2013, e vem sendo um evento cultural gratuito que visa propagar a cultura *Sound System* na cidade de São Paulo, por meio de ocupações em pontos culturais, ruas e praças do centro. Em sua edição de 2022, o projeto Ampli-Fyah Lab traz, aos amantes da cultura do grave, *lives*, oficinas presenciais, rodas de conversas, bate-papos e eventos. A qual pude acompanhar a promoção do intercâmbio entre artistas e público das diferentes regiões de São Paulo. Focar nesse coletivo de pessoas e ter eles como principais sujeitos desta pesquisa, foi utilizar do espaço elaborado, em que contribuíram de jeito formativo para compreensão do movimento, além de ser um coletivo com especificidades outras dentro da diversidade de coletivos da cidade Paulistana<sup>31</sup>.

Sendo assim, entrevistei dois integrantes do coletivo originário do Parque Bristol, “fundão do Ipiranga”. Siberson, também conhecido como Zambi, 30 anos, é produtor artista, líder, seletor e operador do grupo<sup>32</sup>. E sua irmã Cicelline, 33 anos, é a produtora cultural e executiva da U-dub, que vem prestando serviços à prefeitura de São Paulo<sup>33</sup>

Realizei uma entrevista semiestruturada, como etapa final do processo da pesquisa, sendo que as perguntas estavam separadas em três blocos. No primeiro, havia perguntas direcionadas aos membros do coletivo, suas vivências até o encontro e de como se deu a relação de cada um com o S.S.; no segundo bloco, trato sobre a descrição do movimento *sound system* na perspectiva histórica e experiência dos membros; e no terceiro e último bloco, visa entender como é a relação do movimento com o Estado.

Com isso, me debrucei sobre suas individualidades e exercício enquanto coletivo. Perguntei a eles como foi o caminho até o *sound system*.

---

<sup>31</sup> A escolha pela U-DUB foi por conta das suas características, é um coletivo que trabalha com o digital, tem influências outras, fazendo sua identidade em relação a outros coletivos citados aqui ser bem diferente do que se espera. Entretanto é um coletivo chave para compreender as influências de sua construção, além de sua ação com o projeto amplifya servir de encontro para diversos indivíduos, coletivos, e artistas da cena se encontrar.

<sup>32</sup> Realiza serviços em técnica e instalação de som em casa de show, eventos e afins.

<sup>33</sup> Nas Secretária de Cultura, Secretaria de Esporte e Lazer, e para Secretaria de Turismo.



Siberson - “Isso é uma coisa meio fora da curva, na real. Porque, eu sempre fui do rap desde dos meus 7 anos. Ela como era mais velha já tinha outros focos. Como eu estava com meus 10 anos, eu só queria saber do meu videogame. E ela já tava fazendo outras coisas, tava participando de outros eventos culturais e urbanos. E aí ela foi pro eletrônico, o rolê do clubber<sup>34</sup>. E aí entra a obrigatoriedade da irmã em relação à mãe. Minha mãe chegava e falava: ó leva seu irmão(...).

Quando eu era mais novo eu gostava do racha da dança, nas festa de família, e por sempre gostar de rap, hip-hop, então sempre gostei de break. Então quando minha mãe me obrigou a ir com ela, ela me levou num rolê que tocava jungle<sup>35</sup> e aí a galera que dança isso me deixou fissurado(...).

Anos depois, com uns 16-17 anos, eu estava fazendo supletivo do ensino médio e ali na consolação tinha um pico, o 1ºCCPC antes de surgir o da Rua General Jardim. E toda terça-feira tinha um role de reggae que era de graça. E aí que eu cabulava aula toda terça para ir lá, eu estudava na Ana Rosa e o rolê era na consolação, então era perto. E lá foi a escola para mim. Mas, olha o que acontece com a parada do S.S., eu comecei a colar nesse role e percebi vários vocais que eu estava escutando nas músicas que tocava naquele role, era os mesmos vocais que eu escutava no jungles. E fiquei, qual a relação com essa fita? E comecei a entender qual era a influência da música jamaicana na música eletrônica inglesa”.

Com a declaração do Zambi, acredito que seja relevante destacar a importância das casas de show CCPC<sup>36</sup> e Susi in dub, que atualmente chama Susi in Trance<sup>37</sup>, como espaços disseminadores tanto da cultura reggae music, quanto da cultura da música eletrônica, essa que viria a se desenvolver com as experimentações do Dub ao chegar no Reino Unido. Estes espaços abraçam boa parte do público da cultura *Sound System* e da cultura *underground*, o que foi mencionado anteriormente com a declaração do Yellow P.

E observo também, com sua fala, o modo como as vertentes musicais derivadas do Dub se desenvolveram no Reino Unido, mostrando-nos um dos caminhos realizados pelo desenvolvimento, disseminação e transformação que a música reggae passa e passou pelo atlântico e a forma como ocorrem os seus cruzamentos na cidade de São Paulo.

Com Cicelline, foi diferente: ela chegou até o S.S., na responsabilidade de cuidar de seu irmão mais novo, o Siberson.

“O coletivo surgiu em 2011, mas em 2016 eu fui abduzida pelo Amplifyah e eu não saí mais. E foi através deles, porque eu ia ver se tava tudo certinho, se não tinha nada errado, piração de tia. Eu sempre tava muito preocupada com o que estava

---

<sup>34</sup> Clubber ou clubbing é uma tribo urbana de pessoas que frequentam danceterias (os *clubs*, em inglês), as quais foram comuns nos anos 1990. Foi em parte responsável por elevar gêneros musicais como house e techno ao mainstream, além de movimentar a vida noturna pelas grandes metrópoles e influenciar a moda. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Clubber>> acessado em 05/09/2022.

<sup>35</sup> Jungle é um gênero de música eletrônica derivado do Breakbeat hardcore que se desenvolveu na Inglaterra no início dos anos 90 como parte das cenas rave do Reino Unido. Para mais, disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Jungle\\_music](https://pt.wikipedia.org/wiki/Jungle_music)> acessado em 06/09/2022.

<sup>36</sup> Casa noturna, que fomenta a reggae music e a música eletrônica, localizada no centro de São Paulo. Disponível em <<https://www.generalclub.com.br/>> acessado em 14/09/2022.

<sup>37</sup> Casa noturna de São Paulo por desenvolver e fomentar a cena underground da cidade paulistana. Disponível em <<https://musicnonstop.uol.com.br/susi-em-trance-conheca-a-historia-na-casa-noturna-que-nao-fechava-nunca-no-centro-de-sao-paulo/>> acessado em 14/09/2022.

acontecendo. A gente sabe como é principalmente o cenário *underground* para um jovem preto. Então eu sempre tava lá pra saber se tava tudo bem. E é assim até hoje. Eu sou a pessoa que certifica se tá tudo bem, se a polícia não vai chegar, e se tem autorização”.

Observando sua função dentro do coletivo ao longo das atividades que pude presenciar, Cicelline sempre estava na posição de cuidar do que ocorria nos espaços, sendo em providenciar equipamento a saber se estava tudo sob controle.

Em uma pergunta posterior, sobre qual é a importância política do movimento, a produtora relata o seguinte:

“Eu fico com receio de acabar sendo a chata do rolê, mas eu acho que a geração atual acaba se perdendo nas coisas, eu acho que o que acontece dentro do baile é de responsabilidade total da equipe que está proporcionando o rolê. As pessoas vão se comportar conforme aquela equipe permita que elas se comportem, e aí já entra política, porque aí já é comportamento, então se você pega o microfone e fala para a galera não jogar lixo no chão, isso já é política. Se você pede respeito, para não ter briga, se você faz uma sessão numa escola e pede para ninguém fumar um baseado, isso já é política. E eu não vejo isso acontecendo. Eu já fui em baile de ver mina sendo arrastada pelo cara e ninguém fazer nada e o cara não pegar no microfone e não falar nada. O que era importante era a quantidade e o que ela iria consumir. Todo mundo é dono de si e jogar essa responsabilidade para o público não acho legal. Porque eu saí da minha casa para ir pro seu baile”.

A fala da produtora levou a uma reflexão dos pressupostos que havia construído ao longo de minha vivências, pelo fato de que, para mim, cuidar de si e de quem estivesse comigo já era uma condição estabelecida, ao ir a qualquer baile, apesar de não ter passado por situações de exposição ao perigo diretamente. Pois, como frequentador, presenciei brigas entre outros frequentadores, embora não fosse recorrente, apesar de ainda escutar muitas histórias de situações tensas em outros bailes. Com isso, Cicelline conseguiu mostrar para mim, de forma coerente, qual é uma das principais responsabilidades em realizar um evento, principalmente em lugares públicos. Já havia presenciado diversas situações em bailes diferentes, na forma como ocorre a comunicação da organização com o público, bem como a falta dela, e suas implicações.

Cicelline - “A questão da política começa na hora que você decide fazer o evento. “A porque eu tenho direito de ocupar”. Sim, realmente você tem, então faz isso direito para que o Estado não tome poder maior sobre aquilo e te tire dali, porque você não fez um pedido de autorização. O tempo inteiro o Estado está programado para não deixar você se manifestar, então usa o seu direito a seu favor, vai lá pega a autorização e faz o evento, porque se a polícia vier me tirar, eu estarei usando do meu direito de expressar a minha opinião, de manifestar a minha arte a minha maneira”.

Siberson - “A ocupação de um S.S. é um ato político. É uma manifestação cultural. É você montando um sistema de som em um tamanho e volume que só não vai te ouvir quem realmente tiver com atenção em outra coisa, porque você vai falar alto. Você consegue fazer chegar longe. Se o cara reclamou que o som tá alto, é porque chegou nele (...). É um ato político. Toda manifestação cultural é um ato político, é um ato de resistência, é um ato de estar ali ocupando enquanto artista, passando

para frente uma mensagem de algo que você acredita e faz isso de forma construtiva”.

A forma como a U-DUB é construída mostra sua forma de atuação dentro do movimento de sistema de som. Uma frase dita pela Ciceline retrata a maneira de pensar do coletivo: “A gente tem muita de ideologia do implodir, que se a gente vai derrubar o Estado, vai ser de dentro e não de fora. É reconhecendo os mecanismos do inimigo. Esse é o primeiro movimento”. Assim, observo as ações do coletivo, as quais pelo projeto Amplifyah que inicialmente começou por um autofinanciamento, e que, posteriormente, com o acesso a editais, passou a ser realizado com o suporte estrutural e financeiro do Estado.

Isso possibilitou que o coletivo realizasse atividades com melhor estrutura e com o intuito de fortalecer o próprio movimento.

Ciceline - Permitiu que a gente pudesse fazer outras coisas, tentar voltar para a comunidade do movimento *sound system*, o acolhimento que não teve quando a gente chegou. Então a gente era uma equipe nova, diferente e para saber das coisas, soubemos porque corremos atrás. Queríamos fazer o contrário do que foi feito, até a gente parar de queimar falante, não foi porque alguém chegou e falou, “faz dessa maneira que vai queimar menos”. Não, foi queimando que a gente aprendeu, e aí que surgiu a ideia de fazer as oficinas, em tentar repassar o conhecimento que não foi repassado para gente, entendeu? De dar a chance para essa galera que tá chegando de dar um pouco mais de solidez. Só vale se for compartilhado(...).

(...)Tivemos o edital VAI em 2016; Edital do Reggae em 2019; Virada Cultural em 2019; Em 2020 Aldir Blanc<sup>38</sup>, 2021 o VAI que é o amplifyah lab; Mês da Consciência Negra 2021; E Jornada do Patrimônio em 2022. Uma das principais características é não repetir convidados, então já passou mais de 100 convidados pelo projeto e em vários formatos.

Siberson - E isso acaba fazendo a gente conseguir se movimentar de maneira geral no movimento S.S. que é ativar várias pessoas ao mesmo tempo. Você está tendo várias oficinas com profissionais desse meio cultural e fazendo todos eles se movimentarem.

De fato, com as atividades realizadas, tive uma dimensão maior dos tipos de profissionais que são abarcados por esse movimento, desde dj 's, como Lys Ventura; produtores musicais, como o KNomo Adisa Odélowo<sup>39</sup>; cantores, ou melhor, Deejays/Toaster, como o Guux e Singers como a Layla Arruda<sup>40</sup>; professor acadêmico, o Fernão Ciampa; artista visual Felipe Julina; marceneiro, Jhaman D., fundador da Casa Madiba<sup>41</sup>; engenheiro elétrico, o Jahnilo, fundador da Black Energy<sup>42</sup>; dentre outros.

---

<sup>38</sup> A Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural surgiu com o objetivo de auxiliar trabalhadoras e trabalhadores da Cultura bem como espaços culturais brasileiros no período de isolamento social, ocasionado pela pandemia da covid-19.

<sup>39</sup> Integrante do Quilombo HI-FI, o segundo coletivo de S.S da cidade de São Paulo.

<sup>40</sup> Integrante do Femini HI-FI, o primeiro coletivo de sistema de som feito somente por mulheres.

<sup>41</sup> A primeira oficina especializada na construção de caixas de Sound System. Disponível em: <<https://www.facebook.com/casamadibamarcenaria/>> acessado em 08/09/2022.

<sup>42</sup> <<https://www.facebook.com/blackenergyroots>> acessado em 08/09/2022.

E, apesar de pleitear diversos programas de incentivo à cultura, o grupo relata que no ano de 2017, quando o João Dória assumiu a prefeitura, houve o impedimento na realização de atividades culturais que se tratavam de ocupações em espaços públicos.

Cicelline - “A gente ficou o ano de mandato dele sem fazer nenhum evento. Não saía nenhuma autorização, ele proibiu ocupações. Eu entrei com um processo contra a prefeitura de SP. Eu fiz uma autorização e negaram, e eu fiquei “como isso?” É um direito meu! E uma das justificativas era de que não tinha fim cultural. Como que um ano antes a prefeitura me deu um edital sobre meu projeto e agora ele não é um evento cultural?”

## **Conclusão**

Desta forma, minha aproximação com a U-DUB e a participação das oficinas realizadas pelo coletivo, possibilitou a visão de uma das formas das quais esse movimento tem atuado para conquistar e manter sua legitimação. Dado que suas ações estão para além dos eventos de entretenimento, os bailes. Ao fazer um aparato histórico do que foi a circulação dos *soundsystem*, em específico no Atlântico, é notável como os seus processos e modificações tornam-se presentes no que caracteriza o coletivo, principalmente no seu estilo musical.

Em que, tange sua organização e ideias das ações de um *Sound System* que busca espaço legitimado para suas ações, assim, procura utilizar de recursos promovidos pelo Estado, mesmo esse em determinadas ocasiões ou governos invalidando tal movimento. A atuação dos sistemas de som vem desenvolvendo formas de formar e informar pessoas, coletivos e atores, além de realizar eventos culturais em periferias. É uma movimentação da periferia para a periferia, seja em São Paulo, no Maranhão, na Jamaica, na Inglaterra ou em outros países.

Assim, a discussão que procurei trazer sobre o que ocorre em volta desse movimento, tinha como princípio pensar, a partir da diversidade de coletivos que surgiram, o quão próximo esses estariam do movimento na origem, a Jamaica, isso respeitando as modificações globalizadas. Deste modo, quando se trata de um conhecimento histórico do movimento, da forma de atuação e sentido, na U-DUB 420 podemos encontrar o cruzamento de ideias, no que tange levar música e informação. Para além disso, encontrei no coletivo acolhimento a quem quer chegar, seja em seus eventos, seja em suas oficinas, e o cuidado com aquilo que ocorre sob suas ações, construindo uma relação com o Estado, com espaços público e locais o qual vem quebrando estereótipos a quem pertence a cultura *reggae music*.

Ao encerrar esse processo, reflito sobre as movimentações e ações que podem ser trabalhadas a partir dessa discussão, assim trago como pontapé para a continuidade, alguns pontos de reflexão: Como é o processo para a organização e realização do Fórum do reggae

para a legitimação e espaço dentro da secretaria de cultura da cidade de São Paulo? Os métodos que esses coletivos utilizam para uma forma de educação popular, através das oficinas e de seus eventos; e o que podemos aprender com as organizações e os espaços de bailes de reggae numa dimensão afro-diaspórica?

## Referências

ALBUQUERQUE, Carlos. O eterno verão do Reggae / Carlos Albuquerque. São Paulo: Ed. 34, 1997

BOTELHO, André. O Modernismo como movimento cultural: uma sociologia política da Cultura. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 175-209, 2021.

GILROY, Paul 1956 - O Atlântico negro: modernidade de dupla consciência; Tradução de Cid Knel Moreira. - São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012(2a Edição).

Grave Na Caixa! O Sound System de Kingston a SP. Direção: Anderson Peixoto . Youtube. 2015. 14:57. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-7cZHHGw0Rk&t=67s>>. Acesso em: 27/07/2022

OLIVEIRA, Paulo. - Da repressão ao movimento de massa. UFPE. V.13 Junho de 2008.

PIMENTA, D. NASCIMENTO, N, MAPA SOUND SYSTEM BRASIL 2019.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae lazer e identidade cultural./ Carlos Benedito Rodrigues da Silva - Sao Luís, Pitomba!/2016.